Capítulo XI — O Messias vindo

Os tempos se cumpriram. Saímos do reino das sombras e das preparações para entrar no da luz e da realidade. Qual é, desde então, nosso primeiro dever, senão considerar o Evangelho, segundo o parecer do santo bispo de Hipona, como o comentário divino e o cumprimento do Antigo Testamento[1]?

Nascida com o mundo, conhecida dos Patriarcas, desenvolvida sob Moisés e os Profetas, a religião foi completada sob o Evangelho. Nessa nova fase constitui, dizem os santos doutores, um estado intermediário entre a sinagoga e o Céu: o judeu só tinha sombras sem realidade; o cristão possui a verdade oculta sob véus; o Santo a vê face a face e sem intermediário[2]. O Antigo Testamento se manifesta no Novo, e o Novo se manifestará na eternidade.

Assim é que a religião, como o Deus de quem é a obra, abrange todas as relações da duração: era ontem, é hoje e será pelos séculos dos séculos.

Depois de esboçar o estado geral dos espíritos e a situação particular da Judeia, detenhamo-nos um instante para assistir ao grande mistério da redenção humana.

Nos primeiros dias da Criação, a mulher, culpada mensageira do demônio, trouxera a morte ao homem. O gênero humano se lembrava disso: todas as tradições da antiguidade põem a mulher à frente do mal[3]. Repetindo uns aos outros: É a mulher a causa de nossas desgraças, as gerações anteriores ao Messias haviam acumulado sobre ela uma massa de ódio e de desprezo que fazia dela o mais abjeto e o mais miserável dos seres.

Nos dias da regeneração, a mulher devia, benfazeja mensageira de Deus, trazer-nos a vida. Será preciso que, dizendo uns aos outros até o limiar da eternidade: É à mulher que devemos todos os nossos bens, as gerações posteriores ao Messias cerquem a mulher de uma veneração e de um reconhecimento que farão dela o ser mais respeitado, o mais santamente amado de todos os que Deus tirou do nada. Assim, tudo o que havia perecido será salvo.

Prostrados no limiar de uma humilde casa de Nazaré, contemplamos a jovem Virgem que, em seus decretos eternos, Deus predestinou para ser a nova Eva, a verdadeira mãe dos viventes. Figurada sob mil tipos mais graciosos uns que os outros, magnificamente anunciada durante quarenta séculos, a Virgem por excelência, a filha de Abraão e de Davi, Maria, reúne em sua pessoa todos os dons da natureza e da graça. Por um privilégio único, a transmissão do pecado original a toda a posteridade de Adão será suspensa em seu favor. Criatura à parte, bendita entre todas as mulheres, mais bela que todos os Anjos, Maria vê abaixo de si tudo o que não é Deus. Respeitoso

para com sua filha, o Eterno envia como embaixador um príncipe de sua corte, encarregado de perguntar-lhe humildemente se quer consentir em ser a mãe d'Aquele por quem tudo foi feito. Nesse momento uma jovem de catorze anos tem em suas mãos os destinos do mundo! Consenti, consenti, clamam-lhe as gerações. Salvai o gênero humano.[4]

Maria inclinou sua cabeça virginal; é esposa, é mãe; e sua coroa nupcial é uma coroa de espinhos, e suas alegrias maternas são o começo de um longo martírio. O Filho adorável que vive em seu seio, ela o consagrou ao presépio, à cruz.

Já a voz de César chama a Belém todos os descendentes de Davi: Maria dirige-se à cidade de seus pais. Ali, conforme as predições dos Profetas, dá à luz o Desejado das nações.

Eis em que termos a santa Igreja romana repete cada ano a todos os ecos do universo essa hora solene: No ano, desde a criação do mundo, cinco mil cento e oitenta e nove;

Desde o dilúvio, dois mil novecentos e cinquenta e sete;

Desde o nascimento de Abraão, dois mil e quinze;

Desde Moisés e a saída do povo de Israel do Egito, mil quinhentos e seis;

Desde a unção do rei Davi, mil e trinta e dois; a sexagésima quinta semana, segundo a profecia de Daniel;

Na centésima nonagésima quarta olimpíada;

No ano da fundação de Roma, setecentos e cinquenta e dois;

No quadragésimo segundo ano do império de Otávio Augusto, e gozando o universo de paz;

Na sexta idade do mundo.

JESUS CRISTO, DEUS ETERNO E FILHO DO PAI ETERNO, querendo santificar o mundo por sua santa vinda, tendo sido concebido do Espírito Santo, e passados nove meses desde sua concepção, NASCE DA GLORIOSA VIRGEM MARIA, EM BELÉM, CIDADE DE JUDÁ[5].

É à meia-noite, no meio do silêncio universal, que o Verbo encarnado, descido de seu trono, faz sua entrada no mundo[6]. Nessa hora todas as profecias se cumprem; as trevas do erro, chegadas a seu mais alto grau de espessura e de extensão, dissipam-se aos raios do Sol de verdade; o velho mundo, abalado até os fundamentos, desmorona-se, lançando por adeus aos ecos do Oriente e do Ocidente o nome do Menino de Belém; os anjos e os homens, reunidos em torno de um berço, adoram, numa comum alegria, o Pai do mundo novo; e todos os astros, recomeçando seu curso hierático, anunciam a renovação de todas as coisas. Assim, nas grandes proporções de sua ordenação, o mundo planetário se achava de acordo com o movimento do mundo moral; de sorte que, no grande relógio do universo, todas as molas, como outros tantos timbres harmoniosos, haviam sido, desde o princípio, dispostas por Aquele que tudo fez com número, peso e medida, de

maneira a soar todas juntas a grande hora da redenção do gênero humano[7].

Depois de adorar em suas pobres faixas o filho da augusta Virgem de Judá, vemo-lo todo ocupado em fundar, não outra religião, mas em completar a antiga quanto ao dogma, à moral e ao culto; substituindo seus elementos frágeis por sacramentos cheios de graça e de eficácia; abolindo todos os ritos que a adaptavam ao povo judeu; proclamando ele mesmo o fim de sua missão por estas luminosas palavras:

> *Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumprimento[8];*

ligando assim sua obra à obra antiga, ou antes, ensinando-nos que o Antigo e o Novo Testamento não formam senão um só todo, do qual ele mesmo é o centro, um mesmo edifício do qual é a pedra fundamental[9].

A narrativa de suas obras maravilhosas no-lo mostra com brilho, expiador, doutor, modelo, médico de todas as enfermidades, isto é, Redentor e Salvador do gênero humano em toda a significação dessas grandes palavras.

Saído da humilde casa de Nazaré, onde durante trinta anos pratica em silêncio a virtude mãe de todas as outras, a virtude diretamente oposta ao primeiro mal do homem, a humildade, dirige-se às margens do Jordão para receber ali, no meio dos pecadores, o batismo da penitência. Depois desse compromisso solene, que faz dele o grande penitente do mundo, retira-se ao deserto, onde jejua, combate, ora e triunfa por nós.

De volta entre os homens, seu primeiro cuidado é desenvolver a doutrina que começou por praticar ele mesmo. No Sermão da montanha, que se pode chamar a carta da humanidade regenerada, lança as bases da nova ordem de coisas que vem estabelecer. Essas bases são tais que só um Deus podia propô-las e sobretudo fazê-las aceitar. A pobreza, as humilhações e os sofrimentos voluntariamente aceitos, amados e procurados como outras tantas bem-aventuranças, o temor e o desprezo das riquezas, das honras e dos prazeres: tais são os primeiros artigos da constituição.

Com a mais espantosa simplicidade, mas também com uma autoridade soberana, expõe os dogmas mais profundos; não argumenta, não discute como os filósofos. As verdades que anuncia trazem consigo suas provas; não se destinam a assombrar a razão, mas a tocar o coração, e os povos, arrebatados, exclamam: «*Nunca homem algum fallou, como este homem*»! Sua moral é pura e severa, mas simples e popular: não faz dela uma ciência metafísica; reduz-a a máximas; sob a forma simples e comovente de parábolas, põe-na ao alcance dos ignorantes, confirma-a por seus exemplos e autoriza-a por seus milagres.

Doce e afável, indulgente, misericordioso, caridoso, amigo dos pobres, dos pequenos e dos fracos, não afeta nem eloquência faustosa, nem rigorismo excessivo, nem costumes austeros, nem ar reservado e misterioso; promete a paz aos que praticam seus preceitos; esquecendo-se sempre de

si mesmo, só tem em vista a glória de Deus, seu pai, a salvação de seus irmãos e a felicidade do mundo.

Depois de vê-lo nascer, viver, instruir como Homem-Deus, consideramo-lo morrendo, mas morrendo como Deus, e provando sua divindade mais invencivelmente por sua morte que por sua vida. Paciente até o heroísmo, modesto e tranquilo nos opróbrios, suporta-os sem ostentação como sem fraqueza. Em meio às traições e aos furores, permanece senhor de si, age, fala, dá ordens e suspende a tempestade formada sobre sua cabeça até o momento em que quer que ela estoure. Não procura afrontar seus inimigos, mas tocá-los e convertê-los[10].

Coberto de ultrajes, crucificado entre dois malfeitores, morre pedindo graça para seus acusadores, seus juízes e seus carrascos; filho terno, amigo dedicado, suas últimas palavras são para sua Mãe e para São João. Certo de ter cumprido, até um jota, sua missão, entrega a alma a seu Pai e deixa ao céu o cuidado de fazer resplandecer sua inocência por prodígios.

> *Que preconceitos!, exclama Jean-Jacques Rousseau, que cegueira não é preciso ter para ousar comparar o filho de Sofronisco ao filho de Maria! que distância de um a outro! Sócrates, morrendo sem dor, sem ignomínia, sustenta facilmente até o fim seu personagem; e, se essa fácil morte não houvesse honrado sua vida, duvidar-se-ia de que Sócrates, com todo o seu espírito, tenha sido outra coisa que um sofista...*

> *A morte de Sócrates filosofando tranquilamente com seus amigos é a mais doce que se possa desejar; a de Jesus expirando em meio a tormentos, injuriado, escarnecido, amaldiçoado por todo um povo, é a mais horrível que se possa temer. Sócrates, tomando a taça envenenada, abençoa aquele que a apresenta e que chora; Jesus, no meio de um suplício atroz, ora por seus carrascos obstinados. Sim, se a vida e a morte de Sócrates são de um sábio, a vida e a morte de Jesus são de um Deus.*

> *Diremos que a história do Evangelho foi inventada por prazer? Não é assim que se inventa; e os fatos de Sócrates, de que ninguém duvida, são menos atestados que os de Jesus Cristo. No fundo, é recuar a dificuldade sem destruí-la. Seria mais inconcebível que vários homens de acordo houvessem fabricado esse livro do que ser um só o que lhe forneceu o assunto. Jamais autores judeus teriam achado esse tom nem essa moral; e o Evangelho tem caracteres tão impressionantes de verdade, tão perfeitamente inimitáveis, que o inventor seria mais espantoso que o herói[11].*

Do Calvário descemos com o Salvador ao túmulo; dali seguimos aos limbos esse morto livre entre os mortos, pregando o Evangelho às almas bem-aventuradas e fazendo brilhar em suas sombrias moradas a aurora de sua libertação.

Os três dias marcados pelos Profetas se escoaram; o Filho do Eterno sai do túmulo, vencedor do pecado e da morte, satélite do pecado. Vemos seus inimigos confundidos, reduzidos ao ponto de comprar a peso de dinheiro o depoimento mentiroso de testemunhas adormecidas. Vêm em seguida as principais provas da ressurreição do Messias, penhor da nossa e base de todo o cristianismo.

Coroamo-las com as palavras seguintes do imperador Napoleão, em Santa Helena. Conversando um dia sobre a divindade do cristianismo com um de seus generais, dizia-lhe:

> *Conheço os homens, general, e digo-vos que Jesus não é um homem. Os espíritos superficiais veem semelhança entre o Cristo e os fundadores de impérios, os conquistadores e os deuses das outras religiões. Essa semelhança não existe: há entre o cristianismo e qualquer religião que seja a distância do infinito. Não somos mais que chumbo, general, e em breve será terra,*

acrescentou o imperador depois de demolir peça por peça essa pretensa semelhança.

> *Tal é o destino dos grandes homens, o de César e de Alexandre! E esquecem-nos! e o nome de um conquistador, como o de um imperador, não é mais que tema de colégio! Nossos feitos caem sob a férula de um pedante, que nos louva ou nos insulta... Mais um momento, eis a minha sorte... Meu cadáver vai ser devolvido à terra para tornar-se pasto dos vermes... Eis o destino muito próximo do grande Napoleão... Que abismo entre a minha miséria profunda e o reinado eterno do Cristo, pregado, incensado, amado, adorado, vivendo em todo o universo!.. Será isso morrer? Não é antes viver? Eis a morte do Cristo! eis a de Deus!... Se não compreendeis que Jesus Cristo é Deus, pois bem! errei em fazer-vos general*[12].

Aqui concluímos um raciocínio cujas magníficas premissas são quarenta séculos de promessas, de figuras, de profecias e de preparações literalmente cumpridas em Nosso Senhor Jesus Cristo, e do qual a divindade do Salvador é a conclusão necessária.

Além disso, o exame dos fatos exteriores nos mostra que Nosso Senhor é verdadeiramente o Messias, prometido ao gênero humano e esperado entre todos os povos.

Um primeiro fato é que, a partir de seu nascimento, a expectativa de um Messias, reparador do homem, universalmente espalhada, por confissão dos próprios incrédulos, cessou entre todas as

nações, exceto a judaica. Mas, coisa admirável!, essa própria exceção é toda em nosso favor. Estava formalmente predito que os judeus não reconheceriam o Messias quando ele aparecesse[13]; de sorte que, se tivessem reconhecido como tal Nosso Senhor Jesus Cristo, ele não seria o Messias. Assim tudo conspira para tornar inabalável a certeza de sua divindade.

Um segundo fato é que Nosso Senhor cumpriu realmente, em toda a sua extensão, a missão do Messias prometido, do Desejado das nações. Segundo os profetas, que devia fazer o Messias? Uma só coisa, mas uma coisa que encerra tudo: Tirar o pecado do mundo[14] ou, segundo a palavra do próprio Deus à primeira mulher: Esmagar a cabeça da serpente[15]. Tirar o pecado do mundo era, de um lado, destruir a idolatria e reconduzir as nações ao culto do verdadeiro Deus; era, de outro, reparar todas as consequências do pecado. Nosso Senhor fez uma e outra coisa, e ninguém, senão ele, as fez.

Vemo-lo, com seu pé divino, esmagar a cabeça da serpente, isto é, abalar por sua doutrina e seus milagres o império do demônio até seus fundamentos, enquanto seus Apóstolos, herdeiros de seu poder e pregadores de sua doutrina, vão em seu nome fazer ruir os templos e os ídolos de um extremo a outro do mundo. Todas essas verdades, consignadas na vida de Nosso Senhor, são fatos históricos. Ora, os fatos de Jesus Cristo, diz o filósofo de Genebra, são mais bem provados que os de Sócrates, de que ninguém duvida.

Num sentido mais íntimo, vemo-lo ainda tirar o pecado do mundo. Com relação a Deus, prestou homenagem infinita à sua majestade e satisfação infinita à sua justiça. O presépio e a cruz são as provas fulgurantes disso. Com relação ao homem, foi obediente até a morte e morte de cruz, a fim de tirar uma desobediência infinita. Com relação a Deus e ao homem, foi Deus e homem, a fim de reunir da maneira mais íntima aqueles a quem o pecado havia separado.

Reparou-lhe todas as consequências: a ignorância, a concupiscência, a morte; em sua pessoa o homem conheceu Deus perfeitamente, foi perfeitamente libertado da concupiscência e da morte e reina hoje triunfante nos céus.

Notas

[1] Quapropter in Veteri Testamento est occultatio Novi, in Novo Testamento est manifestatio Veteris. — De Catech. rud.

[2] Illa nobis exspectanda sunt in quibus perfectio, in quibus veritas est. Hic umbra, hic imago, illic veritas. Umbra in lege, imago in Evangelio, veritas in cœlestibus. — Ambr., de Offic., liv. I, c. 48. — Status novæ Legis medius est inter statum veteris Legis et statum gloriæ. — Lex vetus est via ad Legem novam, sicut Lex nova ad cœlestem Ecclesiam, seu ad cœlestem hierarchiam. — D. Th., passim.

[3] A muliere initium factum est peccati, et per illam omnes morimur. — Eclo 25, 33.

[4] Responde jam, virgo sacra, vitam quid tardas mundo ? — Santo Agostinho, Serm. XXI, de Tempore.

[5] Martirológio Romano, 25 de dezembro.

[6] Cum enim quietum silentium contineret omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus de cælo a regalibus sedibus, durus debellator in medium exterminii terram prosilivit. — Sb 18, 14-15.

[7] Ver os cálculos astronômicos em Schubert, Symboliques des songes. — Ver também o doutor Sepp, em sua Vie de Notre-Seigneur. Eis alguns pensamentos desse sábio, provados por cem páginas de cálculos astronômicos. Os povos antigos tinham seus sistemas astronômicos, que eram para eles o que as profecias eram para o povo judeu. Para os que eram iniciados em seus mistérios, a época da vinda daquele que devia salvar o mundo já não era um segredo; e todos os povos o esperavam, num concerto unânime, justamente no tempo em que ele apareceu. Tinham, além disso, um ano sagrado, misterioso, sacerdotal, que, por uma coincidência que nada tem de espantoso para o cristão, mas que deve derrubar de estupefação um incrédulo, compreendia o tempo durante o qual o homem repousa no seio materno e começava precisamente a 25 de março, dia da Encarnação, para terminar a 25 de dezembro, dia do nascimento daquele que o mundo adora como o Messias prometido... Para manifestar ainda mais a dignidade do Menino de Belém, Deus quis que, no próprio ano de seu nascimento, quase todos os planetas se encontrassem na mesma ordem e no mesmo lugar que na época da criação, a fim de anunciar a renovação universal de todas as coisas.

[8] Mt 5, 17.

[9] Ef 2, 20.

[10] Ver Bergier, art. Jésus-Christ.

[11] Esprit, maximes de J.-J. Rousseau.

[12] Sentiments de Napoléon sur le Christ, c. IV.

[13] Dn 9, 26.

[14] Jo 1, 29.

[15] Gn 3, 15.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:16 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:16 by Admin